

ALDEIA INDÍGENA PATAXÓ DE COROA VERMELHA: UMA COMUNIDADE PLURIATIVA, UM SÍTIO SIMBÓLICO DE PERTENCIMENTO

 <https://doi.org/10.56238/arev7n1-246>

Data de submissão: 30/12/2024

Data de publicação: 30/01/2025

Antônio Ribeiro Bomfim
E-mail: antonio.bomfim@ifgoiano.edu.br

Cláudio Roberto Meira de Oliveira
E-mail: claudio.meira@aol.com

Fabrício Lopes Rodrigues
E-mail: flrodrigues@uneb.br

Sayonara Miranda Oliveira
E-mail: sayomiranda@hotmail.com

Rogério Santos Marques
E-mail: rmarques@uneb.br

Gustavo Mamede Sant'Anna Xará
E-mail: gustavoxara@gmail.com

RESUMO

INTRODUÇÃO: Uma palavra que representa a CIPCV, na atualidade, é Diversidade. Diversidade nas relações com não-índios que moram nos bairros que limitam-se com a aldeia; diversidade na relação com os turistas do mundo inteiro que visitam a Coroa Vermelha; diversidade nas atividades econômicas que praticam na busca para suprir suas necessidades. Definitivamente pode-se afirmar que a CIPCV é diferenciada, diversa, podendo ser lançada sobre ela diferentes olhares.

Palavras-chave: Aldeia Pataxó. Pertencimento Cultural. Plurietnicidade.

1 INTRODUÇÃO

Uma palavra que representa a CIPCV, na atualidade, é Diversidade. Diversidade nas relações com não-índios que moram nos bairros que limitam-se com a aldeia; diversidade na relação com os turistas do mundo inteiro que visitam a Coroa Vermelha; diversidade nas atividades econômicas que praticam na busca para suprir suas necessidades. Definitivamente pode-se afirmar que a CIPCV é *diferenciada*, diversa, podendo ser lançada sobre ela diferentes olhares.

Também são diversas as opiniões dos pesquisadores que decidem estudar a CIPCV. Para alguns, é negativa a influência que o turismo exerce no modo de ser dessa comunidade, para outros é positiva. Certo é que não existe possibilidade de negar tão influência.

Certamente que a CIPCV pode ser estudada sobre várias perspectivas. Aqui estudamos as atividades econômicas praticas pelas famílias Pataxós na busca por rendimentos que contribuem para a subsistência dessas unidades familiares. A partir do estudo das atividades econômicas foi possível o modo de ser da comunidade com teorias desenvolvidas para explicar sistemas com características iguais as da CIPCV.

Economia dos Setores Populares (ESP), Sítios Simbólicos de Pertencimento (SSP), Desenvolvimento local (DL) são algumas das teorias analisadas para se entender o atual modo de ser da comunidade estudada. Vale lembrar que a CIPCV possui características próprias, diferente de outras aldeias indígenas espalhadas pelo território brasileiro. O fato da aldeia está inserida em um local histórico, atraindo visitantes/turistas do mundo inteiro, numa troca de culturas intensa já a diferencia de outras aldeias.

A faixa litorânea onde está inseria a aldeia possui riquezas naturais enormes, com uma paisagem belíssima, sendo suficiente para desencadear uma especulação imobiliária fortíssima, com pressão antrópica. Os limites da aldeia não foram bem definidos, o que expôs a vida indígena num contato com não-índios muito próximo, tencionando seu modo de ser e forçando a perda de identidade.

Com limitações de terras para cultivo e criação de animais e vendo nos turistas que visitavam a Coroa Vermelha uma possibilidade de obtenção de renda, a produção de artesanato foi uma das saídas encontrada no curto prazo para obterem o necessário para suprir suas necessidades básicas. Com o passar do tempo o artesanato ganho a companhia de outros produtos e serviços, alterando o modo de ser dos Pataxós de Coroa Vermelha com aqueles encontrados décadas atrás, por pesquisadores que estudaram a vida dos Pataxós de Barra Velha, a “Aldeia Mãe”.

O objetivo desse capítulo é analisar a CIPCV sobre diferentes perspectivas, sempre levando em consideração as características próprias dessa comunidade. Essa pesquisa possui uma abordagem qualitativa e descritiva; as técnicas utilizadas foram pesquisa bibliográfica, história oral como elo com

o levantamento bibliográfico; pesquisa de campo com observação direta in situ e validação dos dados secundários e das narrativas dos sujeitos atores da pesquisa.

Importante salientar que não buscou-se exaurir o tema, dada sua dimensão e complexidade. Servir de base para pesquisas futuras é uma pretensão mais viável e lógica. Os resultados obtidos a partir das análises realizadas mostram que a CIPCV possui características peculiares, que a difere de outras aldeias indígenas. Mostram também que o modo de ser desta comunidade permite estudá-la na perspectiva da ESP, SSP e DL.

2 TURISMO E TRABALHO NA CIPCV

A importância da atividade turística para os municípios da Costa do Descobrimento é inquestionável. Esse assunto já foi tema de inúmeras pesquisas, realizadas por instituições públicas e privadas, além de pesquisadores ligados as Instituições de Ensino Superior (IES). Na Costa do Descobrimento, microrregião do Extremo Sul da Bahia, destacam-se os município de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália, no tocante ao potencial das atividades turísticas. Sobre o turismo no Extremo Sul da Bahia Neto e Silva (2015:75) reconhecem ser uma atividade econômica que tem uma expressiva relevância na transformação do território da região.

Direta ou indiretamente o turismo influencia a vida de todos os moradores dos municípios de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália, no Extremo Sul da Bahia. Os fluxos de turistas presentes no destino mobilizam diversas atividades econômicas, como o setor de transporte, a hotelaria, o setor de alimentos e bebidas, dentre outros, comprovando a importância do turismo nas economias. (PINHEIRO, GUIMARÃES E COSTA, 2011:71-72).

São diversos os atrativos que atraem os visitantes para essa região do Extremo Sul da Bahia, a figura 01 mostra o Axé-Moi, maior complexo de laser e estrutura de praia na orla Norte de Porto Seguro. Na imagem também é possível ver alguns hotéis ao fundo. Soares (2016) afirma que:

A cidade possui diversos equipamentos turísticos: hotéis, flats, villages, restaurantes e barracas de praias que se distribuem em quase 10 km de orla, no sentido que faz a ligação de Porto Seguro a Santa Cruz de Cabrália. Nesta parte da cidade, conhecida como orla norte, há também diversos condomínios de alto padrão, onde a classe média e os ricos da cidade e região moram ou possuem casas de veraneio (p. 6).

Figura 01: Vista aérea do Axé-Moi.



Fonte: Tripadvisor (2020).

No aspecto econômico esses dois municípios também possuem grande relevância para a economia do Estado. O fluxo de turistas durante todo o ano possibilita a geração de emprego e renda para ambos os municípios, além de contribuir para o aquecimento da economia de municípios vizinhos. É inegável que o turismo, se bem manejado, representa uma via de desenvolvimento não só de um município, mas de toda uma região (NETO E SILVA, 2015:77). Corroborando com essa afirmativa Soares (2016:7) reconhece que atualmente a atividade turística tem grande relevância no desempenho econômico de Porto Seguro, esta atividade se articula a fatores sociais, culturais e políticos.

Sobre o fluxo de turistas na Costa do Descobrimento a Secretaria de Turismo do Estado da Bahia (SETUR), que faz o monitoramento desse fluxo, destaca que os dados disponibilizados para o período entre 2000 e 2019, mostram um aumento substancial no número de desembarques no município de Porto Seguro que, juntamente com Santa Cruz Cabrália, são os municípios que mais recebem turistas na Costa do Descobrimento. O aeroporto internacional de Porto Seguro é um dos grandes responsáveis por facilitar essa movimentação de visitantes na região. Na figura 02, mostra a Passarela do Álcool, em Porto Seguro, com grande fluxo de pessoas, em sua grande maioria, turistas.

Figura 02: Passarela do Álcool, Porto Seguro-Ba.



Fonte: Bahia diaadia (2017).

O Boletim das Atividades Características do Turismo da Bahia (BACT) publicado em 2019, traz algumas informações importantes sobre a relevância do turismo da Costa do Descobrimento para a economia da região e do Estado. Segundo o BACT (2019:3) o aeroporto de Porto Seguro é um dos que recebe mais vôos charters de destinos nacionais e internacionais com operação das principais companhias aéreas brasileiras.

O turismo proporciona emprego e renda direta e indiretamente, com emprego formal e informal. Além dos estabelecimentos formais que oferecem produtos e serviços para os visitantes, existem os empregos informais que proporciona renda para uma parcela significativa da população fixa e flutuante. Sim, no período de alta estação, muitas pessoas de cidades circunvizinhas deslocam-se para Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália visando trabalhar nos meses de maior fluxo de turistas na região, o verão. Atualmente a atividade turística tem grande relevância no desempenho econômico de Porto Seguro, esta atividade se articula a fatores sociais, culturais e políticos (SOARES, 2016:7).

Não restam dúvidas que o turismo movimenta a economia da região, beneficiando não apenas os meios de hospedagem como também uma variedade de outros setores da economia, inclusive com a geração de impostos. Soares (2016:8) reconhece que o turismo aquece a economia local, mobilizam outras atividades no setor de transporte, hotelaria, alimentos, gerando empregos e subempregos que ampliam a renda da população durante alguns meses do ano.

Uma população que é mobilizada e tem sua renda fortemente influenciada pelo turismo é a comunidade indígena Pataxó de Coroa Vermelha, uma vez que a renda da maior parte da comunidade vem de atividades direcionadas para o turismo.

Falar sobre as atividades econômicas desenvolvidas pelas famílias da aldeia de Coroa Vermelha exige que se fale sobre sua origem, tradições e sobre as mudanças enfrentadas, fatores esses que causaram implicações nas questões identitárias da referida aldeia. Certamente que, ao longo do tempo, inúmeras variáveis contribuíram tanto para constituição da aldeia de Coroa Vermelha, quanto para as mudanças em suas atividades econômicas que visam o sustento, como para as mudanças culturais.

No capítulo 1 desse trabalho tratou-se sobre os subsistemas econômicos, as atividades econômicas praticadas pelos Pataxós visando a sobrevivência das famílias da comunidade. Visando entender a realidade econômica atual da aldeia de Coroa Vermelha e fazer um paralelo com a pluriatividade, analisou-se a dinâmica existente na década de 1970 na aldeia Barra Velha, também conhecida como “Aldeia Mãe”. Essa análise teve como base uma pesquisa da professora Maria do Rosário Carvalho, sua dissertação de mestrado de 1977, trabalho esse que se apresenta como um dos mais completos sobre as atividades econômicas praticadas pelos indígenas, na aldeia Barra Velha.

Percebe-se que mais de um motivo levou os indígenas da aldeia Mãe a se firmarem em Coroa Vermelha. Sendo que a atividade turística tornou-se determinante para consolidação dos Pataxós ali e seu crescimento rápido e intenso. Para Rêgo (2012:61) estes índios também buscavam novas áreas para a venda de artesanato, tendo em vista a transformação da região em um pólo turístico.

Nesse sentido é possível aduzir que os indígenas da aldeia da Coroa Vermelha ganharam novas características socioeconômicas e culturais. Segundo Grunewald (2015:411) foi na década de 1970 que o turismo começou a envolver os Pataxós e, desde então, cada vez mais o turismo penetrou na vida desses indígenas. Após sua consolidação em Coroa Vermelha e sua busca pela subsistência a partir do turismo, essa aldeia adquiriu características bem particulares, diferente até mesmo dos seus iguais que vivem em aldeias próximas. A venda de artesanato para turistas, além de outras atividades comerciais forçaram os Pataxós a adaptar-se à nova realidade. Dessa forma, foi se consolidando uma aldeia urbana e comercial (MAURO, 2007:55).

É possível afirmar que o modo de vida dos índios passou a expressar-se através das atividades econômicas por eles praticadas, na busca por trabalho e renda, pela subsistência. Esse modo de vida é considerado diferente, até mesmo, daquele dos Pataxós que vivem em outras aldeias e localidades. Essa migração dos Pataxós, rumo à Coroa Vermelha foi acompanhada de muitas mudanças socioeconômicas e na tradição desse povo. Alguns autores acreditam que a mudança para Coroa

Vermelha não foi ao acaso, já existia um objetivo na escolha da localidade. Os Pataxós que foram, paulatinamente, fixando residência na Coroa Vermelha, o fizeram a fim de se dedicar quase que única e exclusivamente ao comércio, forma essencial de sua atividade econômica (GRUNEWALD, 1996:31).

Apesar de o turismo ser a principal atividade econômica na região e a mais importante para os indígenas de Coroa Vermelha, uma infinidade de outras atividades é praticada pelos membros da comunidade indígena. É Mauro (2007:70) quem reconhece que há ainda aqueles índios que praticam a pesca, a mariscagem e o extrativismo vegetal, além de existir um pequeno número deles que conseguem se empregar como assalariados na economia local. Atualmente, esse número não é tão pequeno quanto era quando Mauro realizou sua pesquisa. Para que o turismo aconteça, é necessária uma rede de empreendimentos e serviços complementares, que envolva a prestação de serviços tanto de natureza formal quanto informal, resultando em vínculos de trabalho, tanto formais quanto eventuais (ISSA, 2007:4).

Certamente que em termos de trabalho e renda as atividades dos Pataxós de Coroa Vermelha, em muito se diferenciam daquelas praticadas pelos indígenas de Barra Velha, conforme nos esclarece Grunewald (1996):

Hoje, além do artesanato vendido a turistas, alguns Pataxós se engajaram também na prestação de serviços a atividades comerciais mais extensivas (garçons, balconistas, etc), o que os une em termos econômicos, necessariamente, aos comerciantes e/ou comerciários brancos presentes na área (p. 31).

3 A PLURIATIVIDADE NO TRABALHO DOS PATAXÓS

Essa dinâmica econômica que alterou a forma de obtenção de renda das famílias Pataxó, as quais dão aos membros da aldeia estudada novas características socioeconômica e cultural que levou a associar o trabalho dos indígenas de Coroa Vermelha com a pluriatividade. Isso por que uma família pode ser considerada como sendo pluriativa quando existe a prática, por parte de um ou mais membros do núcleo familiar, de diferentes atividades econômicas que venham a contribuir para a constituição da renda dessa família.

As visitas realizadas na pesquisa de campo, além dos relatos orais feitos durante conversas com algumas das famílias deixaram claro que é difícil, atualmente, uma família Pataxó onde a renda familiar provém de uma única atividade econômica. Conforme observado na citação feita a Grunewald (1996), não apenas a venda de artesanato, mas uma gama de atividades derivadas do turismo usam a mão-de-obra indígena possibilitando emprego e renda à esses atores.

Mauro (2007) também narra a prática de multi-pluriatividades por parte dos indígenas:

Alguns índios são proprietários de barracas instaladas na praia de Coroa Vermelha, dentro da terra indígena (Gleba A), onde se vende principalmente artesanato, mas existem barracas que funcionam também como bares. É comum saber de casos de índios que arrendam suas barracas para os não-indígenas, obtendo assim a renda proveniente do aluguel (p. 69).

A partir dos relatos e das observações realizadas, foi possível estabelecer essa associação das atividades da comunidade indígena com os conceitos de pluriatividade. Escher et. al (2014) reconhecem que:

...a noção de pluriatividade “surgiu sendo evocada para compreender as formas através das quais as explorações de caráter familiar reagem diante das adversidades do ambiente social e econômico em que se acham inseridas, bem como das pressões internas decorrentes da necessidade de assegurar o atendimento das necessidades materiais do núcleo familiar (p. 650).

Outro fator que contribui para entender as famílias Pataxós como pluriativas foi sua origem agrária, seu histórico no manejo dos recursos naturais. Candiotti (2007:7778) afirma que as famílias rurais passam a buscar atividades e rendas não-agrícolas ligadas especialmente ao trabalho externo da propriedade rural, tais como - na indústria, no comércio, nos serviços públicos e na prestação de serviços. Foi exatamente o que aconteceu com a comunidade indígena estudada, uma comunidade rural que extraia seu sustento, principalmente, do cultivo da terra, do extrativismo, da caça e da pesca. Para Schneider (2009:3) os indivíduos que formam uma família podem optar entre combinar duas ou mais ocupações (assumindo a condição de pluriativos) ou escolher pela troca de ocupação, deixando o trabalho agrícola e passando a ocupar-se exclusivamente em atividades não-agrícolas, mesmo sem deixar de residir no meio rural.

No momento em que uma família com essas características passa a buscar seu sustento em atividades fora do contexto rural, passando a desempenhar funções não ligadas ao cultivo da terra e exploração do ambiente, pode ser considerada pluriativa. Tais atividades não agrícolas podem estar vinculadas à indústria, comércio ou serviços públicos e privados, e são realizadas tanto em áreas consideradas rurais, como também nas urbanas (Candiotti, 2007:192).

Mas não foram apenas as atividades econômicas que causaram alterações no modo de vida dos Pataxós de Coroa Vermelha, as relações sociais estabelecidas com a população de não-índios também contribuíram para essa alteração. A convivência entre moradores e turistas dos mais diversos lugares, COSTUMES, hábitos, atitudes e valores tem contribuído para uma desconstrução da identidade cultural local (SOARES, 2016:7).

Já foi mencionado nesse trabalho que os limites da terra indígena com áreas não-indígena é imperceptível para aqueles que não conhecem, nem convivem com a comunidade, além disso, a

pressão sobre a terra e os indígenas tornou o modo de vida tradicional dos Pataxós insustentável. Sobre a confusão existente nos limites da terra indígena Rêgo (2012) faz a seguinte constatação:

No mais, a situação de Coroa Vermelha no início desta década era desastrosa. A fim de exercer o controle sobre a ocupação local, a prefeitura havia concedido lotes de forma totalmente desordenada, suscitando invasões conduzidas por não-índios, construções irregulares, sobreposição dominial e crescente degradação ambiental (p. 64).

Se na primeira metade do século XX os Pataxós da aldeia de Barra Velha viviam isolados da civilização, o mesmo não se pode dizer dos indígenas da Coroa Vermelha. Essa relação é tão intensa, inclusive com muitos casamentos entre índios e não-índios, que é difícil distingui-los, caso não os conheçam. Para Rêgo (2012:67) a formação ao redor da aldeia de um distrito municipal inviabilizara totalmente o controle da circulação de não-indígenas dentro de seus limites, configurando toda uma singularidade para esta terra indígena.

4 PLURIATIVIDADE E A ECONOMIA DOS SETORES POPULARES

Quando cavou-se um pouco mais a fundo no decorrer da pesquisa, surgiu outro termo que, após conhecer seu conceito, entendeu-se que o mesmo é bastante familiar com as atividades econômicas desenvolvidas pelos indígenas de Coroa Vermelha. Estamos falando na teoria da Economia dos Setores Populares (ESP).

A Constituição da República Federativa do Brasil (CF) de 1988, no caput do artigo 231, reconhece que “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”. O parágrafo 1º desse mesmo artigo aduz o seguinte:

São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições (CF. 1988, art. 231, § 1º).

Pelo fato da aldeia ser uma área federal, demarcada por meio de decreto, com o objetivo de que os povos indígenas possam ocupá-las e viver nelas conforme seus costumes, cabe apenas ao Governo Federal decidir sobre o gerenciamento desta terra.

O turismo é quem oportuniza maior variedade e quantidade de atividades para a comunidade indígena, as quais proporcionam rendimentos que possibilitam o suprimento das necessidades das famílias. Estas atividades podem ser informais (comércio de artesanato e serviços de praia) e formais

(atividades assalariadas em meios de hospedagem, restaurantes, agência de turismo receptivo). É importante destacar aqui que o trabalho desenvolvido pelos indígenas, em Coroa Vermelha, na produção e comercialização de artesanato, bem como em todas as atividades associadas ao turismo possuem algumas características peculiares. Trataremos aqui, daquela característica que mais interessa para esse trabalho: a informalidade.

Segundo Baltar e Manzano (2020:1) uma unidade que realiza atividade formal é uma entidade legal, separada e juridicamente independente do proprietário, constituindo-se, portanto, como uma pessoa jurídica – o que implica na obrigação de dispor de contabilidade completa. Significa dizer que uma atividade formal precisa seguir algumas regras e possui responsabilidades com algum ente público (União, Estado ou Município). Sobre a atividade informal os mesmos autores fazem a seguinte afirmação:

A ocupação do setor informal é aquela que ocorre em uma unidade que realiza uma atividade econômica informal, em uma propriedade do próprio indivíduo, de seus familiares ou de terceiros, que não é constituída como entidade legal, na qual não se consegue perceber com nitidez a separação entre as atividades domésticas e produtivas, não se dispondo de contabilidade independente e completa sobre o negócio (BALTAR e MANZANO, 2020:1).

Essa característica das atividades econômicas dos indígenas enquadra-se no conceito ESP, que é muito bem trabalhado pelos autores KRAYCHETE (2000) e CORAGGIO (2000), entre outros. A definição de trabalho informal de Baltar e Manzano está em concordância com as de Kraychete (2000:15), o qual afirma que a reprodução de parcelas crescentes da população passou a depender, em maior escala, de atividades assentadas no trabalho individual, familiar ou associativa.

O mesmo autor reconhece ainda que no caso dos empreendimentos populares, é impossível separar as atividades de produção e comercialização de bens e serviços das circunstâncias de reprodução da vida da unidade familiar das pessoas. Seguindo essa idéia, o autor José Luis Coraggio também explicou a atividade informal na perspectiva da Economia dos Setores Populares:

Neste sentido, a unidade doméstica, como já foi dito, pode ser formada tanto por pessoas com vínculo de consangüinidade, como pode ser unipessoal, multifamiliar, ou até ser formada por amigos, por comunidades étnicas, de vizinhos, por grupos que se unem livremente para cooperar, ou agregações solidárias de outro tipo qualquer, que compartilhem recursos e articulem estratégias, explícitas ou implícitas, para reproduzir sua vida coletiva (CORAGGIO, 2000:95).

Assim sendo, pode-se afirmar que da mesma forma como analisamos a comunidade indígena Pataxó do Extremo Sul da Bahia como sendo um Sítio Simbólico de Pertencimento, suas atividades encaixa-se no conceito de Economia dos Setores Populares, podendo assim se estudar a comunidade

nessa perspectiva, entendendo ser esta uma alternativa para a geração de emprego e renda baseada em atividades de baixo impacto ambiental e intensivas em trabalho (SILVA, DINIZ E FERREIRA, 2013:74).

Nesse trabalho, analisou-se a comunidade supracitada e o entendimento é que seu modo de ser, na perspectiva de suas atividades que visam a subsistência, como fazendo parte da ESP. Isso porque como os indígenas vivem em suas terras, segundo seus costumes e tradições, entende-se que o termo “informal” não se aplica as atividades empreendidas pô eles. As análises feitas permitem afirmar que as atividades econômicas empreendidas pela comunidade Pataxó possuem todas as características da Economia dos Setores Populares.

Conforme já mencionado, as atividades dos Pataxós oferecem produtos e serviços para os turistas que visitam a região, conforme figura XX. Falando sobre as atividades que caracterizam a ESP, Kraychete (2000:15) afirma que essas atividades, em seu conjunto, sustentam uma economia dos setores populares, envolvendo, mesmo que de modo disperso e fragmentado, um extenso fluxo de produtos, serviços e modalidades diversas de trocas e mercados.

Destaca-se que nenhum empreendimento que venha a funcionar na aldeia necessita de qualquer autorização para seu funcionamento. Tudo é decidido e operacionalizado pelos indígenas que querem trabalhar e a liderança da aldeia, no caso o cacique. De igual maneira, nenhuma das atividades econômicas praticadas pelos indígenas de Coroa Vermelha sofre qualquer tipo de fiscalização ou controle por parte de órgãos estatais responsáveis por controlar atividades econômicas.

Mas as atividades de comercialização da produção dos indígenas não resume-se apenas aos limites da aldeia, essa comercialização também é feita nas praias da região e em outras localidades (feiras, eventos, pontos turísticos). É possível encontrar indígenas comercializando seus produtos em diversos pontos distintos entre os municípios de Santa Cruz Cabrália e Porto Seguro.

Em Santa Cruz Cabrália, os indígenas comercializam nos principais pontos freqüentados pelos turistas: cidade histórica; píer de onde saem embarcações para passeio marítimo e fluvial; além de toda orla que banha o município, incluindo aí a Coroa Vermelha, onde está a aldeia. No município de Porto Seguro, os indígenas comercializam nos seguintes locais: cidade histórica; Passarela do Álcool; e nas praias do município. Sendo que em Porto Seguro, a extensão do litoral é maior, como é maior também o volume de visitantes em relação a Cabrália.

O trabalho de comercialização dos indígenas, em alguns casos, envolve mais de um membro da unidade familiar. É comum encontrar nesses locais mencionados grupos familiares (pai, mãe e filho(s)) comercializando seus produtos. Constitui-se uma prática comum para as famílias indígenas que comercializam artesanato que crianças e adolescentes acompanhem seus pais no trabalho diário,

sendo que na alta estação (Dezembro a Fevereiro), período em que um maior número de turistas que visitam a região, a quantidade de famílias empenhadas na comercialização e trabalhos nas atividades turísticas aumentam.

Sobre essa característica do trabalho dos Pataxós de Coroa Vermelha que comercializam artesanatos, Coraggio (2000:96) afirma que esse tipo de trabalho acaba por ser é uma extensão da unidade doméstica, e o seu objetivo não é aquele de acumular per se, mas de manter e melhorar a qualidade de vida dos membros dessa unidade ao longo de sua trajetória vital.

O período de alta temporada é aquele em que a possibilidade de aumentar a renda da unidade familiar cresce substancialmente, sendo necessário maior empreendimento dos membros da família. Há situações em que os membros da família se dividem: parte trabalha em um local, os demais em outro ponto turístico. Existem também os casos em que os membros da família trabalham em atividades diferentes, sendo que algumas nem estão ligadas ao turismo.

Essa dinâmica do trabalho dos indígenas é explicada por Kraychete (2000):

Constatam que, diante de oportunidades de emprego regular, cada vez mais restritas, a reprodução da vida de uma parcela crescente da população passa a depender, em maior escala, de uma economia que se alimenta de inúmeras atividades realizadas de forma individual, familiar ou associativa, envolvendo um extenso fluxo de produção e troca de bens e serviços (p. 24)

Existe unidade familiar que o rendimento é obtido entre comercialização de produtos e trabalho assalariado. Assim como existem famílias em que todo rendimento provém de atividade assalariada. Em todos os casos, seus membros juntam seus recursos, no todo ou em parte, a fim de satisfazer coletiva ou solidariamente as necessidades de todo o conjunto (CORAGGIO, 2000:95).

Atualmente, a variedade de atividades que estão ao alcance das famílias Pataxó é enorme, sendo que essas atividades são desenvolvidas tanto dentro da própria aldeia, como fora dela. Nas escolas indígenas (figura XX) da aldeia existem as seguintes atividades: professor, secretário escolar, diretor e vice, merendeira, porteiro e serviços gerais.

Na área de saúde, já mencionamos que existe um posto de saúde na aldeia de Coroa Vermelha, existem as seguintes funções: enfermeiro, agente de saúde, técnico de enfermagem atendente e serviços gerais. Na aldeia existe a Guarda Indígena (GI), criada para ajudar na segurança dos visitantes e dos membros da comunidade indígena. As especificidades da GI são muito bem trabalhadas na tese defendida por Rêgo (2012).

É fácil perceber que o modo de ser dos Pataxós de Coroa Vermelha, principalmente no tocante as atividades econômicas que visam obtenção de renda e subsistência, descritas em trabalhos como o

de Carvalho (1977), foi bastante alterado em comparação com o modo de vida dos Pataxós da aldeia Barra Velha, de onde são originários.

5 A COMUNIDADE PATAXÓ COMO SÍTIO SIMBÓLICO DE PERTENCIMENTO

Já foi dito anteriormente que buscou-se pesquisar sobre a pluriatividade e aplicar seus conceitos para explicar a atual dinâmica socioeconômica da Comunidade Pataxó de Coroa Vermelha. Pois bem, durante as pesquisas um conceito chamou a atenção por estreita ligação com a realidade da comunidade estudada: *Sítios Simbólicos de Pertencimento*.

Conforme já explicado anteriormente, o termo sítios simbólicos de pertencimento surge a partir de pesquisas realizadas pelo professor Hassan Zaoaul. Em linhas gerais o termo se refere a um conjunto de pessoas que possuem características (sociais, econômicas e culturais) iguais ou parecidas, que reconhecem tais características e as usam de forma a obter, com isso, sua sobrevivência. Importante destacar que esse conjunto de pessoas pode viver num espaço geográfico que pode variar entre um bairro, uma cidade, uma região, até mesmo em um país. Sobre a concepção de sítio, desenvolvida por Zaoaul, Issa (2007) faz a seguinte afirmação:

...é especialmente importante a idéia de *sítio*, de entendimento dos valores locais,...visando ao desenvolvimento de economias locais de uma forma mais humana, mais voltada para o homem, vendo-o e compreendendo-o em sua totalidade, adotando um procedimento que contemple não apenas aspectos técnicos e racionais, mas todas as dimensões culturais, freqüentemente contraditórias, que integram as raízes das localidades (p. 2).

Analizando tal ideia, difícil não associá-la aos Pataxós do Extremo Sul da Bahia. Eles possuem características (sociais, econômicas e culturais) iguais, sua população ocupa uma área específica do município de Santa Cruz Cabrália, com ramificações pelo Extremo Sul do Estado da Bahia e usam suas características e potencialidade do local para sobreviver. Com várias aldeias espalhadas no Extremo Sul baiano, esses indígenas – alguns com familiares vivendo outras aldeias – usam os recursos, características e potencial de cada aldeia para obterem a subsistência.

Importante salientar que a quantidade de aldeias aqui apresentado foi obtido, durante a pesquisa de campo, junto a alguns de seus líderes. Certamente que os dados aqui apresentados diferem da apresentada pelos órgãos oficiais devido à própria dinâmica de ocupação dos Pataxós na região.

A teoria econômica dos *sítios* objetiva combinar cultura, economia, ecologia, com ênfase na escala local e na diversidade das práticas econômicas, pois é nesse nível (na escala local) que aparece toda a riqueza (ISSA, 2007:3).

Social e culturalmente, os Pataxós de Coroa Vermelha são bem parecidos, sendo que em termos econômicos, os indígenas apresentam diferenças, devido a vocação turística da localidade. Apesar dos problemas enfrentados, da concorrência entre eles, das divisões dentro da comunidade, conseguem manter-se firmes e consolidam um comércio forte que atrai visitantes e movimenta um volume significativo de numerário.

Sobre esse aspecto Rocha (2014:6) reconhece que os indivíduos são efetivos dentro de um sítio, a convivência em uma organização torna-se a fonte de motivação para as pessoas, que passam a ser tão importante quanto outros fatores como salários, segurança, status social. E De Paula (2006:29) ratifica a ideia de Rocha afirmando que quanto mais as pessoas confiam umas nas outras, mais cooperam, se organizam, se emancipam e, portanto, podem interferir nas decisões que lhes dizem respeito.

O turismo da região forçou os indígenas de Coroa Vermelha a focar seus esforços em atividades econômicas relacionadas, diretamente ao mesmo. Tal situação parece ter sido entendida como positiva pelos Pataxós da Bahia, uma vez que indígenas de outras aldeias decidiram viver em Coroa Vermelha, temporária ou definitivamente. Além disso, o resultado do trabalho de muitos Pataxós de outras aldeias tem como destino a Coroa Vermelha, visando o comércio fomentado pelo turismo. Sobre essa dinâmica influência da atividade turística na vida dos indígenas da aldeia estudada, Issa (2007) afirma que:

Assim como existem exemplos de lugares onde o turismo é aparentemente apenas negócio, também existem locais em que o turismo foi aos poucos acontecendo sem interesses essencialmente econômicos; foi amadurecendo pelo fato de os interessados se identificarem ou terem a curiosidade de conhecer o lugar, resultando no despertar da população local, percebendo que seus valores, seus mitos, sua cultura, seu patrimônio poderiam vir a ser divididos e compartilhados com os de fora, e com isso desenvolver atividades capazes de gerar emprego que insiram, na atividade turística, os nativos e residentes... (ISSA, 2007:4-5).

Outrossim, cabe ressaltar que a aldeia estudada, atualmente, dispõe de infraestrutura (escola, posto de saúde, acessibilidade) mais moderna que as demais aldeias irmãs. Apesar da aldeia de Coroa Vermelha ter seus limites bem definidos, por Decreto Federal, um sítio simbólico de pertencimento é imaginário. É uma pátria imaginária, um sítio é, antes de tudo, uma entidade imaterial, logo, invisível, intangível a impregnar de modo subjacente os comportamentos individuais e coletivos e todas as manifestações materiais de um dado lugar (paisagem, habitat, arquitetura, saber fazer, técnicas, ferramentas, etc) (ROCHA, 2014:6).

Sobre essa característica da aldeia de Coroa Vermelha e a teoria dos Sítios Simbólicos, Issa (2007) faz a seguinte tal abordagem:

Essa forma de abordagem permite associar a questão do *sítio* simbólico de pertencimento e do homem do *sítio*, o homem da situação, do local, com a circulação do dom, da dádiva, da hospitalidade, apontando na direção de um paradigma alternativo, de uma nova forma de perceber, interpretar e organizar e planejar, considerando fundamentalmente os valores, os ritos, os mitos locais (ISSA, 2007:3).

O modo de ser dos Pataxós de Coroa Vermelha e região (história, cultura, artesanato) causou-se muito bem com a atividade turística na área onde está inserida a aldeia, isso permitiu que essa comunidade se tornasse a aldeia mais populosa e, em termos econômicos, a mais importante, com relação as demais aldeias da mesma etnia espalhadas pela região. A presença e o trabalho dos Pataxós são imprescindíveis para o fluxo de turistas e a circulação de mercadorias e numerário na localidade.

Nem a sede do município de Santa Cruz Cabrália possui o movimento de turistas e, consequentemente, a economia ativa como acontece em Coroa Vermelha. De sorte que um comércio muito forte formou-se dentro da comunidade, pelos indígenas, e ao redor dela, por não-índios. Todos os produtos e serviços que não são oferecidos pelos indígenas, certamente serão oferecidos por um não-índio. Dentre eles, podemos destacar alguns: restaurantes, bares, meios de hospedagem, artesanato produzido por não-índio vindo de outras localidades, serviço de táxi, além de uma variedade de outros produtos (acarajé, milho cozido, tapioca). O próprio autor reconhece que o mundo se caracteriza por uma extrema diversidade de situações e de populações cujos sistemas de crenças e práticas são variados e variáveis no tempo e no espaço (ZAOAUL, 2003:26-27).

Toda essa dinâmica socioeconômica envolvendo o modo de ser Pataxó encontrar respaldo na teoria dos Sítios Simbólicos proposto por Zaoaul, conforme ele explica:

Um sítio é um local em sentido geográfico (bairro, cidade, microregião, região, país etc) e também no sentido simbólico (adesão a uma cultura, a uma ideologia, a uma religião), remetendo a significados específicos definidos pelos seus autores que, em função de sua identidade, de um lado, aceitam ou recusam o que lhes é proposto ou imposto de fora e, por outro, procuram soluções originais para seus problemas (ZAOAUL, 2003:8).

Os Pataxós de Coroa Vermelha foram inseridos ou se inseriram no contexto das atividades turísticas da região, conforme já explicado anteriormente, sendo isso algo comprehensivo. Sobre essa inserção o autor assegura que em todos os lugares, cada vez mais, as pessoas sentem a necessidade de crer e de se inserir em locais de pertencimento (ZAOAUL, 2002:21).

6 OS PATAXÓS DE COROA VERMELHA E O DESENVOLVIMENTO LOCAL (DL)

Já foi falado aqui que a aldeia de Coroa Vermelha é urbanizada, no sentido de ser rodeada por bairros de não-índios, pela dificuldade de se perceber os limites da aldeia. Sua localização provocou uma forte especulação imobiliária. Já se falou também que o comércio nesse distrito é mais aquecido

que a sede, Santa Cruz Cabrália. Todo esse comércio formou-se a partir da presença indígena na localidade, o que atraiu e atrai turistas do mundo inteiro, também pelo contexto histórico do local.

É exatamente por esse aspecto que analisou-se a comunidade indígena de Coroa Vermelha sobre a ótica do desenvolvimento local. Não fosse a presença dos Pataxós com seu modo de ser, não fosse o contexto histórico do local, esse comércio pujante certamente não existiria como não existe em outras localidades da região. Para Silva, Diniz e Ferreira (2013:30-31) a necessidade de desenvolvimento local surge para dar uma função aos territórios, afirmar a singularidade de cada local.

Sobre essa característica da comunidade estudada De Paula (2006:29) reconhece que o desenvolvimento não cai do espaço, mas é produto das relações humanas. Corroborando com esse pensamento, Betti (2014:41) afirma que existe uma diversidade de correntes de pensamento que mobilizam as iniciativas e os atores locais, como se observa na proliferação das economias dissidentes: economia social, solidária, desenvolvimento local, economias paralelas.

É possível citar uma diversidade de empresas e serviços que seriam impactados caso a comunidade indígena não tivesse a importância que possui em Coroa Vermelha: agências de receptivo com seus guias de turismo; serviço de táxi; bares e restaurantes, meios hospedagem, serviços de praia e uma infinidade de serviços que, indiretamente, dependem do turismo para manter-se. A partir dessa constatação é possível entender o motivo de muitos estudiosos falarem no fortalecimento e diversificação da economia local para promoção do DL, sendo que os atores da região são os protagonistas na formulação de estratégias, na tomada de decisões e na hora de colocá-las em prática.

A teoria dos Sítios Simbólicos de Pertencimento serve de base para a ideia principal de Zaoaul, que é o Desenvolvimento Local. Toda a discussão sobre os Sítios Simbólicos visa fundamentar a importância e perspectiva do DL. Sim, é preciso falar sobre a comunidade indígena Pataxó de Coroa Vermelha como um agente/vetor de desenvolvimento. Nesse caso, de desenvolvimento local. Esse contexto em que está inserida a comunidade é bem explicado por Betti, assim:

...entende-se desenvolvimento local como aquele construído solidariamente por atores do sítio que, a partir de suas características individuais, recompõem seus sítios de pertencimento enquanto organismos coletivos ao integrar o conjunto dos dados sitológicos do contexto, incluindo-se as crenças, os conhecimentos comuns, a diversidade, a memória histórica, entre outros, contribuindo para a consolidação das multidimensões do desenvolvimento (BETTI, 2014:42).

Assim sendo, como não pensar essa comunidade e seu modo de ser no contexto do desenvolvimento local? Conforme já mencionado, ao longo da pesquisa ouviu-se muitos depoimentos e relatos sobre a importância dos Pataxós de Coroa Vermelha para o fortalecimento da atividade

turística na região. O aspecto histórico ajuda, porém sem a presença Pataxó, acredita-se que o local não teria a importância econômica que desfruta atualmente.

Diante dessa realidade é possível afirmar que a comunidade Pataxó com seu modo de ser é um sítio simbólico e um agente de desenvolvimento local, promovendo o auto-desenvolvimento além do desenvolvimento da localidade e da comunidade não-indígena através de sua presença, história, cultura e economia. O enquadramento como sítio simbólico é confirmado De Paula (2006:31) o qual afirma que um sítio pode ser uma rua, um bairro um conjunto de municípios, uma microrregião, ou até um bloco de países. Como agente de DL a comunidade é entendida a partir da ideia de Betti (2014), que aduz o seguinte:

A exploração dos potenciais de inovações locais do sítio deve ser feita levando em conta o conjunto dos dados sitológicos do contexto local, incluindo-se as crenças, os conhecimentos comuns, a diversidade, a memória histórica etc., do contrário não se faz possível o desenvolvimento local (BETTI, 2014:42).

Mas o desenvolvimento local não acontece da noite para o dia, nem de forma involuntária. É preciso planejamento, parceria, tempo e investimento. É preciso educar para desenvolver. Foram décadas de lutas e resistência por parte da comunidade, adaptando-se a uma realidade diferente do seu modo de ser, com relações interpessoais bastante profícias e conflituosas, por vezes. A pluralidade de caminhos é fundamental para que os atores de uma comunidade possam conduzir seus próprios destinos de acordo com a sua diversidade cultural e suas verdades locais (BETTI, 2014:42).

Foi assim que os Pataxós começaram a fabricar peças de artesanato, arcos, flechas, lanças, colares, pulseiras e outros adornos apreciados pelos turistas, para venda, como forma de subsistência. É assim que esse povo segue se mantendo, sobrevivendo, diante de um sistema econômico mundial que exclui e tornam invisíveis os pequenos que buscam a subsistência a partir de suas peculiaridades e potencial.

É assim que a comunidade vai transmitindo suas experiências, mantém suas tradições, rituais, danças, jogos, comidas e bebidas típicas, pinturas e cantos indígenas, fazendo parte de uma grande história costumes, economia e relações sociais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma comunidade como a aldeia indígena de Coroa Vermelha pode ser estudada usando diferentes perspectivas, com diversos olhares e pode contribuir muito entendermos as mudanças que a sociedade tem enfrentado ao longo do tempo. Seja um estudo antropológico, sociológico ou mesmo econômico, muito já foi estudado sobre essa comunidade. Desde pesquisas que explicam sua origem,

passando por aquelas que estudam perda de identidade cultural e também aquelas que analisam o subsistema econômico dos Pataxós do Extremo Sul da Bahia.

Este capítulo buscou analisar a CIPCV a partir de algumas teorias já pesquisadas e discutidas, dentre as quais destacam-se: Pluriatividade, Economia dos Setores Populares, Sítios Simbólicos de Pertencimento e Desenvolvimento Local. Para isso, utilizou-se estudos realizados com populações que possuem características semelhantes a CIPCV.

A pluriatividade foi pesquisada, inicialmente, para analisar a realidade de atores da agricultura familiar. Como é constituída a renda desses agricultores? Todo rendimento utilizado para suprir suas necessidades são oriundos de atividades desenvolvidas apenas na propriedade? Ou existe alguma parte da renda que provem de trabalho realizado fora da propriedade ou fora da atividade agropecuária? Quais são essas atividades? A pluriatividade foi utilizada pelo fato da CIPCV ter sua origem na agricultura e pela grande diversidade de atividades disponíveis na atualidade, dentro ou fora da aldeia.

A Economia dos Setores populares é uma teoria que foi desenvolvida para analisar a realidade dos trabalhadores informais, sem emprego formal. A ESP possibilita trabalho, renda e suprimento de suas necessidades. Seu objetivo não é o lucro per si, não visa transformar trabalhadores informais em grandes empresários, ainda que isso possa acontecer. A estrutura das atividades indígenas, principalmente, aquelas voltadas para o turismo enquadram-se na teoria da ESP.

A forma como estão dispostas as aldeias Pataxós do Extremo Sul baiano, a maneira como elas interagem e estão interligadas, como base cultural comum, modo de ser comum e trabalho comum apontam para que essa população, situada em determinada região, seja reconhecida como um Sítio Simbólico. Suas características culturais e econômicas formam a base para que seja estudada e entendida na perspectiva dos sítios. Lembrando que a teoria dos sítios foi pensada para estudar o modo de ser de uma determinada comunidade, sob a perspectiva socioeconômica, estando ela inserida em um determinado espaço geográfico, seja esse espaço delimitado de forma real ou imaginária. Esse espaço por de ser um bairro, uma cidade, uma região, um país ou um bloco de países.

A Coroa Vermelha está localizada numa área banhada pelo oceano Atlântico, coberta pela Mata Atlântica e possuindo belas paisagens naturais. É um ponto de visitação turística por sua relevância histórica no contexto do desembarque dos portugueses quando descobrimento do Brasil, em 1500. A presença Pataxó no local, com sua cultura e seu trabalho artesanal, foi fundamental para que a presença de visitantes e turistas fosse intensificada. Isso contribuiu para a formação de um comércio forte e aquecido durante todo o ano, não apenas no período da alta estação. Esse comércio é importantíssimo para a economia dos municípios de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália, diretamente, sendo que outros

municípios acabam tendo suas economias impactadas pelo comércio de Coroa Vermelha. Esse é o motivo pelo qual buscou-se analisar a CIPCV na perspectiva do Desenvolvimento Local.

Reforça-se que esse trabalho não tem a presunção de exaurir o tema, apenas contribuir para reflexões presentes e futuras, visando entender as transformações enfrentadas pela comunidade estudada e pela sociedade em geral.

REFERÊNCIAS

BALTAR, Paulo E.. MANZANO, Marcelo. O problema da informalidade ocupacional na periferia do capitalismo. Texto para Discussão. Unicamp. IE, Campinas, n. 379, maio 2020. Disponível em: <<http://www.economia.unicamp.br/images/arquivos/artigos/TD/TD379.pdf>> Acessado em: 12 Jun. 2020.

BETTI, Patrícia. TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA E DESENVOLVIMENTO LOCAL EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO: ESTUDO DE CASO NA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DE GUARAQUEÇABA E NO PARQUE NACIONAL DO SUPERAGÜI, GUARAQUEÇABA – PARANÁ. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Defesa: Curitiba, 30/05/2014. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/37153?show=full>> Acessado em: 05 Mai. 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 1 Jan. 2020.

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessoa. Pluriatividade: aspectos históricos e conceituais. Revista Faz Ciência, v.9 n.!0 Jul./Dcz.2007, pp. 191-208. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/view/7536>> Acessado em: 01 nov. 2019.

CARVALHO, Maria Rosário de. Os Pataxó de Barra Velha: seu subsistema econômico, Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas), Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1977.

CORAGGIO, José Luís. Da economia dos setores populares à economia do trabalho. In: KRAYCHETE, Gabriel. LARA, Francisco. COSTA, Beatriz (Org.). Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Capina; Salvador: CESE: UCSAL, 2000.

Cunha, Rejane Cristine Santana. O fogo de 51: reminiscências Pataxó. Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-graduação em História Regional e Local, 2010. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/354467892/O-FOGO-DE-51-REMINISCENCIAS-PATAXO>> Acessado em: 13 Out. 2018. 146 f.: il

DE PAULA, Juarez. Parcerias para o desenvolvimento. In: Geração de trabalho e renda, economia solidária e desenvolvimento local: a contribuição da Fundação Banco do Brasil / Organizadores Cleiton Mello, Jorge Streit, Renato Rovai. São Paulo: Publisher Brasil, 2006.

ESCHER, Fabiano et al . Caracterização da pluriatividade e dos plurirrendimentos da agricultura brasileira a partir do Censo Agropecuário 2006. Rev. Econ. Sociol. Rural, Brasília , v. 52, n. 4, p. 643-668, Dec. 2014 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032014000400002&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 11 nov. 2019.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. De algumas características sociais e culturais dos Pataxós de Coroa Vermelha. 1996. Disponível em: <<https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/de-algunas-caracteristicas-sociais-e-culturais-dos-pataxo-da-coroa-vermelha>> Acessado em: 10 Nov. 2018.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Os ‘Índios do Descobrimento’: tradição e turismo. Tese submetida à Banca Examinadora como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social / Museu Nacional / Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ/MN/PPGAS, 1999.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Turismo na Terra Indígena Pataxó de Coroa Vermelha: imperialismo e pos-colonialidade na região do Descobrimento do Brasil. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural - Vol. 13 N.o 2. Special Issue Págs. 411-424. 2015. Disponível em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/13215/PS0213_10.pdf> Acessado em: 15 Out. 2018.

ISSA, Yara Silvia Marques de Melo. Produção do turismo e sítios simbólicos de pertencimento: inserção da comunidade local como fator de hospitalidade. Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo, Rio de Janeiro, p. 05 a 06, jan. 2007. ISSN 1980-6965. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/oit/article/view/5685>>. Acesso em: 17 Nov. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.12660/oit.v2n4.5685>.

KRAYCHETE, Gabriel. Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia. In: KRAYCHETE, Gabriel. LARA, Francisco. COSTA, Beatriz (Org.). Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Capina; Salvador: CESE: UCSAL, 2000.

MAURO, Victor Ferri. Turismo em Terra Indígena: o caso da Reserva Pataxó da Jaqueira. Brasília, 2007. Monografia (especialização) – Universidade de Brasília, Centro de Excelência em Turismo. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14714/1/2013_AlmirDeAmorimVonHeld.pdf> Acessado em: 10 Nov. 2018. xvi, 57 f. : il.

REGO, André. “Uma aldeia diferenciada”: Conflitos e sua administração em Coroa Vermelha/BA. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Doutor em Antropologia Social, 2012. Disponível em : <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/13135>> Acessado em: 13 de out. 2018.

ROCHA, José Cláudio. Gestão Universitária e a Dimensão Local X Global: Um Olhar Sobre a Teoria dos Sítios Simbólicos de Pertencimento (Sites Simboliques D'appartenance). Disponível em: <<http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/gestao-universitaria-e-a-dimensao-local-x-global-um-olhar-sobre-a-teoria-dos-sitios-simbolicos-de-pertencimento-sites-simboliques-d-appartenance--2>> Acessado em: 09 Jul. 2020.

SAMPAIO, José Augusto L. Breve História da Presença Indígena no Extremo Sul Baiano e a Questão do Território Pataxó de Monte Pascoal IN: Espírito Santo, M. (Org.) Política Indigenista Leste e Nordeste Brasileiros. Ministério da Justiça/Funai, Brasília, 2000.

SCHNEIDER, Sergio. A pluriatividade no meio rural brasileiro: características e perspectivas para investigação. In: GRAMMONT, Hubert Carton de e MARTINEZ VALLE, Luciano (Comp.). (Org.). La pluriactividad en el campo latinoamericano. 1^a ed. Quito/Ecuador: Ed. Flacso – Serie FORO, 2009, v. 1, p. 132-161. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/pgdr/publicacoes/producaotextual/sergio-schneider/schneider-s-agricultura-familiar-e-emprego-no-meio-rural-brasileiro-analise-comparativa-das-regioes-sul-e-nordeste-parcerias-estrategicas-brasilia-df-v-1-p-217-244-2006>> Acessado em: 11 out. 2019.

SILVA, Harley; DINIZ, Sibelle; FERREIRA, Vanessa. Circuitos da economia urbana e economia dos setores populares na fronteira amazônica: o cenário atual no sudeste do Pará. R. B. ESTUDOS URBANOS E REGIONAIS V.15, N.2 / NOVEMBRO 2013. Disponível em:

< <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/4734>> Acessado em: 12 Mar. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.22296/2317-1529.2013v15n2p61>

ZAOUAL, Hassan. Globalização e diversidade cultural. Textos selecionados e traduzidos por Michel Thiollent – Editora Cortez - São Paulo, 2003. (Coleção questões da nossa época; v. 106)